

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM BAIXA VISÃO NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ALESSANDRA MACEDO PEREIRA

**O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM BAIXA VISÃO NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência para
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

**Orientador(a): Dra. Georgina Terezinha Brito de
Vasconcelos**

PARINTINS

2022

ALESSANDRA MACEDO PEREIRA

**O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM BAIXA VISÃO NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência para
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

**Orientador(a): Dra. Georgina Terezinha Brito de
Vasconcelos**

Aprovado em: 17/10/2022

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos
Universidade do Estado do Amazonas

Profª Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo
Universidade do Estado do Amazonas

Profª Dra. Maria das Graças Pereira Soares
Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTO

Agradecer a DEUS em primeiro lugar por me abençoar durante a trajetória, aos meus pais Maria Vanilde e Manoel Chagas que me ajudaram a construir caminhos, e principal a minha filha Yumi Pereira.

Aos amigos Fernandes, Gabriele Souza, Lorena Marques, Lucas Batista, Susiane Assayag, Renê Ricardo e Suzana Marinho que durante a minha caminhada na faculdade me ajudaram a não desistir sempre dando apoio uns aos outros.

A professora Dra. Georgina Terezinha, que durante este processo me orientou com muita dedicação, agradeço por ter aceitado o desafio de construir mais um trabalho de conclusão de curso, sua ajuda foi muito importante.

Aos professores da UEA que contribuíram para o meu processo de ensino-aprendizagem durante os 5 anos como acadêmica e a Edilene que nos ajudou muito na UEA.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como tema **O Processo De Aprendizagem Da Criança Com Baixa Visão Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental** e teve como objetivo analisar o processo de aprendizagem da criança com baixa visão no 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal na cidade de Parintins/AM. A Educação Especial ainda é muito discutida devido ao processo de inclusão, das pessoas com deficiência no contexto escolar, e isso ser assunto de debates e discussões ainda hoje e a baixa visão enquanto deficiência ser ainda pouco discutida, e vista em sala de aula como uma necessidade especial requisitando assim, todo amparo legal, que regulamenta a educação especial numa perspectiva inclusiva. Sendo assim, seu embasamento teórico está pautado em renomados autores entre os quais destacamos: LIBÂNEO (1998); GIL (2002); CORRÊA (2010). A pesquisa é de natureza qualitativa e estudo descritivo teve uma abordagem fenomenológica, e como procedimentos a pesquisa bibliográfica e questionário. Serviram de sujeitos para este estudo, três pessoas. Os resultados demonstram que a aprendizagem do aluno na escola é positiva, apesar dos poucos recursos direcionados ao seu desenvolvimento educacional. Espera-se que este estudo possa contribuir para além da reflexão sobre o tema abordado.

Palavras-chave: Baixa Visão; Aprendizagem; Recursos Didáticos.

ABSTRACT

This research has as its theme Special Education: The Learning Process of Low Vision Children in the Initial Years of Elementary School and aimed to analyze the learning process of children with low vision in the 2nd year of Elementary School in a municipal school in the city of Parintins/AM. Special Education is still much discussed due to the process of inclusion of people with disabilities in the school context, and this is still the subject of debates and discussions today and low vision as a disability is still little discussed, and seen in the classroom as a special need, thus requesting all legal support, which regulates special education in an inclusive perspective. Therefore, its theoretical basis is based on renowned authors, among which we highlight: LIBÂNEO (1998); GIL (2002); CORREA (2010). The research is of a qualitative nature and the descriptive study had a phenomenological approach, and as procedures the bibliographic research and questionnaire. Served as subjects for this study, 3 people. The results demonstrate that student learning at school is positive, despite the few resources directed to their educational development. It is hoped that this study can contribute beyond the reflection on the topic addressed.

Keywords: Low Vision; Learning; Didactic Resources.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Caracterização Da Professora E Monitora.....	27
QUADRO 2: Caracterização Do Aluno.....	28
QUADRO 3: Apresentação Da Relação Ao Trabalhar Com O Aluno De Baixa Visão.....	29
QUADRO 4: Dificuldade Na Aprendizagem.....	30
QUADRO 5: Recursos Pedagógicos Para O Desenvolvimento Do Aluno Com Baixa Visão.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
TDHA	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	15
1.1 Baixa Visão: Características Gerais.....	15
1.2 A Educação Especial Inclusiva E A Deficiência Visual Baixa Visão.....	17
1.3 Características Da Deficiência Visual.....	18
1.4 O Papel Da Família E Da Escola Para O Processo De Aprendizagem Da Criança Com Baixa Visão.....	19
1.5 Os Recursos Que Podem Ser Utilizados Para O Desenvolvimento Das Habilidades Do Aluno Com Baixa Visão.....	21
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO	24
2.1 Tipo De Pesquisa.....	24
2.2 Pesquisa Qualitativa.....	24
2.3 Contexto Da Pesquisa.....	24
2.4 Participantes.....	25
2.5 Procedimentos Para A Construção De Dados.....	25
2.6 Técnicas De Coleta De Dados.....	26
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
3.1 Caracterizações Dos Participantes Da Escola.....	27
3.2 Os Recursos Que São Utilizados Para O Desenvolvimento Do Aluno Com Baixa Visão.....	31
3.3 O Atendimento Na Sala De Recursos Com O Aluno De Baixa Visão.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

O processo de inclusão das pessoas com deficiência no contexto escolar ainda é algo muito discutido em debates, congressos e pesquisas, sabemos que ainda há escolas que não estão aptas para a inclusão, mas que hoje há um conjunto de leis e acordos internacionais que garantem a inclusão de alunos com deficiências, todavia, as escolas devem se adequar tanto na estrutura física como na estrutura pedagógica para atender esses alunos.

O presente trabalho busca analisar o processo de aprendizagem da criança com baixa visão no 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Parintins/AM, na perspectiva de contribuir para a aprendizagem do aluno com baixa visão. O problema de pesquisa surgiu nas atividades do programa Residência Pedagógica como se dá o processo de aprendizagem do aluno com baixa visão no 2º ano do Ensino Fundamental, para tanto, esta pesquisa busca averiguar as dificuldades que o aluno com baixa visão enfrenta para aprender na escola, bem como observar como é o trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula e analisar que recursos são utilizados pelo professor para desenvolver o processo da aprendizagem do educando com baixa visão.

A baixa visão é uma perda da visão que não pode ser corrigida por óculos convencionais, lentes de contato, medicação ou cirurgia. Sabemos que toda criança é única e diferente, tem habilidades, aprendizagem em ritmo diferente. Para a inclusão dos alunos com deficiência visual na escola regular é fundamental um trabalho pedagógico planejado e articulado com o professor regente da turma e do professor auxiliar por meio de estratégias pedagógicas e recursos didáticos adaptados na perspectiva de desenvolver o potencial do aluno, possibilitando que ele consiga aprender, considerando suas especificidades.

Desse modo para atender todos esses requisitos este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos o referencial teórico abordando os seguintes tópicos: Baixa Visão: Características Gerais, A Educação Especial Inclusiva e A Deficiência Visual Baixa Visão, Características Da Deficiência Visual, O Papel Da Família E Da Escola Para O Processo De Aprendizagem Do Aluno De Baixa Visão e Os Recursos Que Podem Ser Utilizados Para O Desenvolvimento Das Habilidades Do Aluno De Baixa Visão, no segundo capítulo apresentamos o percurso metodológico fundamentado pelos métodos e técnicas e instrumentos de coleta de dados. No terceiro capítulo encontra-se a análise e discussão dos resultados obtidos através das observações em campo e aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Nesse sentido espera-se que essa pesquisa possa contribuir como mais um estudo

que além de refletir sobre a problemática, traga em seu arcabouço teórico metodológico, resposta as indagações.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Baixa Visão: Características Gerais

A inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais é um caso que vem repercutindo há anos, hoje em dia a criança especial tem direito a ser matriculada na rede de ensino pública, tendo as leis que garantem essa inclusão.

O processo de convivência com pessoas deficientes, ainda gera muito preconceito nas pessoas. Com isso é importante entendermos que desde os primórdios quando o ser humano nascia com uma deficiência o mesmo era visto como um ser enviado por espíritos malignos, por isso eles foram rejeitados durante muito tempo, pois a visão que as pessoas tinham era que as pessoas especiais não eram capazes de aprender e nem de conviver com a sociedade.

Em tempos atrás as pessoas deficientes eram rejeitadas, foi onde os pintores de obras de artes idealizavam o ser humano sem nenhuma deficiência, no caso o corpo na pintura era perfeito, sendo assim Mazzotta diz:

A própria religião, com toda sua força cultural, ao colocar o homem como “imagem e semelhança de Deus”, ser perfeito, inculcava a ideia da condição humana como incluindo perfeição física e mental. E não sendo “parecidos com Deus”, os portadores de deficiências (ou imperfeições) eram postos à margens da condição humana. (2005, p.16).

Na idade média as pessoas idealizavam mais os seres humanos perfeitos e dessa forma achavam que o fato de dizer que Deus era perfeito o indivíduo também devia ser, infelizmente sabemos que isso não é verdade e que na Idade Média quem tinha alguma “deformação” era tratado de maneira desumana, visto como inválidos, sendo assim não podiam conviver com a sociedade. Corrêa (2010) diz:

A história da Educação Especial ou das pessoas com necessidades especiais, da Antiguidade até a idade média, mostra que o extermínio, a discriminação e o preconceito marcaram profundamente a vida dessas pessoas que, quando sobreviviam, não tinham alternativas senão a vida à margem da sociedade. Mesmo que isso acontecesse sob o véu do abrigo e da caridade, a exclusão era o caminho naturalmente praticado naquela época. (2010 p. 16).

O preconceito era muito forte e as pessoas deficientes sofriam demais com esse comportamento da sociedade, mesmo com o aparato das casas de caridades, os mesmos eram vistos como incapazes. Já no século XVI começou a mudança de olhar sobre essas pessoas e que seria possível educá-los, Silveira Bueno (1993 p.34) diz que: “a história da Educação Especial considera o século XVI como o período em que teve início a educação das pessoas com necessidades especiais”.

Com isso a Educação Especial ganha seu espaço, mas ainda passavam por preconceitos, pois a sociedade continuava com a visão de que eles deveriam estar isolados. No século XVIII houve um significativo avanço que favoreceu para que as pessoas especiais fossem reconhecidas como seres capazes de estudar e viver no mundo, a sociedade passou a ter a visão, de que todos eram seres independentes do que tinham ou deixavam de ter e que poderiam conviver como cidadãos normais.

A Educação Especial teve início no Brasil, a partir do século XIX, com o surgimento de instituições assistencialistas para ajudar as pessoas que possuíam deficiência. A primeira iniciativa se deu com a criação do Imperial Instituto dos meninos cegos, pelo Imperador D. Pedro I, após essa iniciativa, foi criado também, o Instituto Nacional para Meninos Surdos, logo, a educação especial no Brasil, tem início com a educação de cegos.

Todavia é somente no século XX, que as pessoas com deficiência passam a ter um atendimento educacional especializado. Houve dois períodos marcantes da Educação Especial no Brasil: o primeiro de 1854 até 1956 onde foi marcado por iniciativas oficiais e particulares e o segundo 1957 a 1993 tendo a iniciativa oficial do âmbito nacional.

No Brasil os órgãos responsáveis pelas pessoas especiais foram evoluindo e assim foram contribuindo para que se construísse um modelo de inclusão na sociedade, mas a Educação Especial só passou a fazer parte das políticas públicas em 1961 onde obteve o avanço do atendimento passando a ser institucionalizado pela Lei de Diretrizes e Base Nacional da Educação.

Com a Declaração de Salamanca mostra que a educação para todos reconhece a necessidade de urgência de providenciar educação para as crianças, jovem e adulta com necessidades especiais dentro do sistema de ensino. Historicamente a Educação Especial ainda enfrentou muitas coisas para ser reconhecida até entender que as necessidades educacionais especiais passam a ser necessária a partir das condições individuais de cada um.

Entendermos que a Educação Especial passou por diversas dificuldades para conseguir a inclusão das pessoas especiais no processo educacional e que as pessoas merecem um cuidado especial, pois devemos pensar não só no futuro das pessoas que não possuem deficiência, incluir é importante para que as pessoas especiais tenham avanço nos estudos tendo o seu lugar no mundo.

As pessoas especiais passam a ter o seu processo de inclusão diante do ensino, Salamanca (1994) diz que “a inclusão é um processo educacional através do qual todos os alunos, incluído, com deficiência, devem ser educados juntos, com apoio necessário, na idade adequada e em escola de ensino regular”.

1.2 A Educação Especial Inclusiva E A Deficiência Visual Baixa Visão

A Educação Especial como sabemos abrange o todo, ou seja, atende as crianças com deficiência física, mental e sensorial, é voltada totalmente para as crianças que possuem alguma deficiência. A educação inclusiva já trata da questão do aluno com e sem deficiência, os alunos convivem juntos e aprendem juntos.

A lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015 no artigo 27º diz:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015).

A sociedade tem um papel fundamental para fazer com que o aluno seja beneficiado e que a lei se cumpra, assim podemos ver que as escolas estarão trabalhando o processo da inclusão da criança na educação, pois se os pais realmente procurarem levar seus filhos ao saberem que o mesmo é especial, buscar incluí-lo na rede pública de ensino, pedir que a criança tenha o acompanhamento e inclua-o na escola, esse processo de inclusão será muito mais viabilizado por outros pais e por outros locais (cidades/países) e será cada vez mais visto as crianças sem deficiência convivendo com as crianças que possuem deficiência, pois o processo da inclusão faz com que o ser humano pare mais com o preconceito e viabilize o bem estar de todos na sociedade.

A Educação Especial Inclusiva perpassa os níveis de ensino desde o Ensino Infantil até o Ensino Superior, com a isso as escolas devem se adequar cada vez mais, se todas as pessoas estiverem preparadas para receber esses alunos teremos uma sociedade muito mais rica, porque as pessoas especiais estão cada vez mais ganhando seu lugar no mundo, e através da inclusão nas escolas essas pessoas vão avançando em diferentes níveis da educação. Hoje em dia têm muitos alunos especiais que já estão adentrando ao Ensino Superior, pois as leis passaram a garantir o acompanhamento dos alunos em sala de aula, vemos muito mais professores formados na área da educação inclusiva, capazes de ensinar os alunos especiais de maneira adequada.

As experiências vivenciadas em sala de aula com os alunos especiais devem ser observados os que estão inclusos em sala de aula e tem uma necessidade especial que não é somente o aluno que tem Síndrome de Down, TDHA, Autismo, etc, mas também alunos com outras deficiências, como os que apresentam Deficiência Visual, diagnosticados com Baixa

Visão ou Cegueira, e esse aluno de baixa visão passam a ter a convivência em sala de aula com outros alunos, pois a lei o ampara, não só ele como os outros alunos especiais.

A partir do momento que o profissional da educação trabalha com o(s) aluno(s) de baixa visão em sala de aula, o mesmo é obrigado a conhecer as concepções e características da sua necessidade especial, para melhor atender e trabalhar em sala de aula buscando inovações e garantido o aprendizado da criança juntamente com os outros alunos.

É importante conversar com o aluno para saber se os recursos que estão sendo utilizados com ele em sala, estão ajudando-o a progredir, o professor (a) ou monitor (a) tem que saber o que é bom e quais as contribuições daquele recurso para aquele aluno, pois o mesmo sabe das suas condições e necessidades e o que realmente está ajudando em seu progresso em sala de aula.

1.3 Características Da Deficiência Visual

A pessoa com deficiência visual é caracterizada pela limitação ou perda das funções básicas do olho e do sistema visual pode ser a pessoa cega ou com baixa visão. **O Cego** pressupõe a falta de percepção visual devido a fatores fisiológicos ou neurológicos. A cegueira total ou simplesmente amaurose, caracteriza-se pela completa perda de visão sem percepção visual de luz e forma. A cegueira pode ser congênita ou adquirida. A **Baixa Visão** que é acuidade visual das pessoas com baixa visão é muito variável, mas, em geral, baixa visão é definida como uma condição na qual a visão da pessoa não pode ser totalmente corrigida por óculos, interferindo em suas atividades diárias, assim como a leitura e a locomoção.

A baixa visão é o resultado de condições oftalmológicas como degeneração macular, glaucoma, retinopatia diabética, ou catarata. Cada uma destas condições causa diferentes tipos de efeitos na visão da pessoa, dificultando suas atividades pessoais. As pessoas com baixa visão necessitam de auxílios ópticos como óculos, lentes corretivas, lupas simples e/ou eletrônicas e não ópticos que se caracterizam pelos textos com caracteres ampliados e uso de tecnologias assistivas como softwares ampliadores e leitores de tela e os livros digitais acessíveis MEC Daisy.

Martín e Ramirez (2003, p. 43) dizem que:

A baixa visão caracteriza-se pela capacidade, quando menos, para a percepção de massas, cores e formas, e por limitação para ver de longe, embora com possibilidade para discriminar e identificar objetos e materiais situados no meio próximo a uma distância de poucos centímetros, quanto mais, a poucos metros. O resíduo visual pode permitir a leitura de grandes cartazes, embora, não se dê a leitura funcional em

tinta, inclusive com meios específicos. Em indivíduos com resíduos superiores, a baixa visão pode ser utilizável em determinadas atividades escolares de aprendizagem, incluindo a leitura em tinta, embora com atendimento especializado para fazê-lo. Em condições adversas ou em circunstâncias determinadas, requer o uso de técnicas específicas de cegos. Em outras, entretanto, será possível o uso do resíduo visual com pleno êxito, aparentando normalidade visual.

Assim, a inclusão de alunos especiais deve ter um acompanhamento e um processo, pois a escola deve também ter um espaço adequado para que o aluno com baixa visão se locomova no ambiente sem dificuldades. Os estímulos voltados para a criança de baixa visão são importantes, pois ajudará o mesmo no futuro, desenvolver habilidades, ajudando-o a chegar à vida adulta com total independência, sendo ele capaz de desenvolver diversos trabalhos e até mesmo o seu papel como profissional como qualquer outra pessoa.

Destacando as considerações acima mencionadas, ressaltamos que o acompanhamento adequado é um processo de aprendizagem adequada, com isso, desde cedo, é importante as estimulações e tudo que é feito e trabalhado na infância da criança refletirá em seu futuro. O aluno com baixa visão também deve ter um acompanhamento familiar, sendo assim, o aluno tem uma visão mais ampla do mundo junto com a família e motivação para estudar, praticar esportes, entre outras atividades tendo assim sua autonomia.

1.4 O Papel Da Família Na Escola Para O Processo De Aprendizagem Da Criança Com Deficiência Visual

É na família que a criança com deficiência visual se baseia, trata-se de olhar que a mesma tem capacidade para ter autonomia, pois as pessoas diagnosticadas com baixa visão podem ser estimuladas para que se adaptem ao ambiente conforme suas necessidades. A pessoa com baixa visão enxerga objetos de maneira desorganizada, com isso, o processo de desempenho para as atividades é dificultoso e passam por um tratamento para aprender a utilizar o resíduo visual de forma adequada, para que o mesmo não fique com medo de viver e pensar que a qualquer momento pode perder a visão completamente, é importante tratar a pessoa com deficiência visual como qualquer outra pessoa, para que ela se sinta confortável e não como se realmente tivesse a deficiência.

A família tem um papel de encorajar a criança para a sua independência, expresse seus sentimentos e faça suas escolhas, porém, não é exatamente o mundo que desencoraja, mas as limitações impostas em sua casa ou pela sociedade a partir do momento que a criança tem que mostrar sua capacidade, ou seja, ele é desafiado. É necessária a determinação e uma

mediação adequada para que a criança tome consciência das suas responsabilidades. Na Psicologia Jean Piaget diz que o respeito é construído pelas regras, independente se a criança tem deficiência ou não.

A partir do momento que uma criança nasce e a mãe observa que a mesma não nasceu dentro de um padrão idealizado como saudável e sem nenhum defeito, passa a ter um processo de “adaptação”, a situação emocional da família e principalmente da mãe é transformada. Assim, a maneira de como ela irá ser aceita no meio familiar e qual será a relação da família com essa criança que possui uma necessidade especial passa a ser importante.

Logo após a criança ser bem aceita no meio familiar, vem o processo da criança na escola, como ela irá ser tratada, como as pessoas e as crianças que irão estudar com ela irão reagir e tratá-la. A família é porto seguro da criança, com isso, os comportamentos e sentimentos são descobertos no meio onde estão crescendo é através dessa relação com todos (pai, mãe, avó, entre outros) que a mesma desenvolve a sua personalidade.

E é juntamente com a escola que a criança forma sua identidade. Freire (2000, p.144) coloca que: “A mediação do adulto é a principal coluna que sustenta o processo de apropriação de experiência pela criança, pois é ele que organiza o ambiente onde ela vive, além de ser o responsável pela sua educação”.

Quando a criança começa a estudar o (a) professor (a) e monitor (a) deve estar preparado para receber o aluno e também preparar seus colegas em sala de aula para conviver com esse aluno que possui a deficiência visual. A escola juntamente com a família consegue ter um bom êxito a partir do momento que todos se unem para incluir e ensinar o aluno com necessidade especial, Rego (1996). A linha Vygotskiana, defende o princípio de que os comportamentos disciplinados e indisciplinados são aprendidos e nisso a família e a escola, como principais agências formativas, têm grande influência.

A participação dos pais no âmbito escolar contribui para um processo educacional adequado, a partir do momento que a criança está na escola, o foco não é mais a sua deficiência e sim o seu processo de aprendizagem no meio que está sendo adaptado conforme suas necessidades. A escola deve analisar as suas práticas escolares para justamente saber como lidar com a pessoa com deficiência e também ter professores especializados para melhor desenvolvimento do aluno especial.

É importante refletirmos sobre a questão do aluno especial na escola pública, pois em pleno século XXI ainda são tratados em um paradigma educacional sem muitos direitos, com isso o processo de ensinar na educação especial inclusiva é desafiador, mas que tem

conseguido estabelecer processos educacionais com sucessos e ajustando as habilidades e necessidades do aluno.

1.5 Os Recursos Que Podem Ser Utilizados Para O Desenvolvimento Das Habilidades Do Aluno De Baixa Visão

Os recursos adaptados são importantes ferramentas para o ensino e a aprendizagem dos alunos deficientes. As adaptações para as pessoas de baixa visão podem ser: a redução da distância dos objetos (livros, lousa, televisão), a ampliação do tamanho das letras e as lentes especiais. Quando se trata das lentes utilizadas pela pessoa de baixa visão não é qualquer uma e sim uma específica, diferente das que são utilizadas em óculos comuns.

Conforme o estudante de baixa visão desenvolva a sua eficiência visual são recomendados os materiais adaptados para o seu desenvolvimento, pois as crianças com baixa visão têm dificuldade na leitura durante seu processo de aprendizagem.

Recursos ou auxílios ópticos para visão subnormal são lentes especiais ou dispositivos formados por um conjunto de lentes, geralmente de alto poder, que se utilizam do princípio da magnificação da imagem, para que possa ser reconhecida e discriminada pela pessoa com baixa visão. Os auxílios ópticos estão divididos em dois tipos, de acordo com sua finalidade: recursos ópticos para perto e recursos ópticos para longe. (BRAGA, 1997, p. 12)

As lentes especiais facilitam a forma de percepção do aluno com baixa visão, com isso o mesmo terá menos dificuldade e poderá aprender junto com os colegas. Na sala de aula o professor precisa planejar a posição do aluno pra que a localização da cadeira em relação com a lousa seja a mais adequada possível, com isso pode-se dizer que não há uma única maneira para ele na sala de aula, quanto à aprendizagem, tudo vai depender do grau da visão ou da patologia que ele tem.

Dentre os recursos utilizados com os alunos de baixa visão que são os ópticos e não ópticos é importante que os profissionais adequados avaliem as condições necessárias desse aluno, pois nem todos irão necessitar dos recursos. Já na questão dos recursos computacionais é necessário ver as dificuldades, as possibilidades, os interesses e as habilidades da criança com baixa visão, porque esses recursos poderão contribuir com a ampliação da comunicação e da autonomia pessoal deste estudante e minimizar as restrições devido a sua deficiência visual.

Considerando que se houverem mínimos recursos para os (as) estudantes com deficiência visual irá conter um contexto de limitações e impossibilidades de acesso ao conhecimento desse aluno. Algumas pesquisas têm demonstrado que se houver a utilização

dos recursos tecnológicos adequados, isso ajudará no contexto da vida social, nas interações e condutas da pessoa com baixa visão.

São importantes os usos dos recursos no processo de aprendizagem do aluno com baixa visão, sabemos que isso ajuda o mesmo a aprender sem se cansar demais. Ladeira e Queiroz afirmam:

[...]. Com a evolução da ciência e da tecnologia, as lentes de contato têm vindo a revelar-se muito úteis na ajuda que podem dar em situações de baixa visão nomeadamente nas situações de afacia (falta de cristalino no olho) em bebês e outros casos, revelando um papel muito importante na estimulação visual e num melhor aproveitamento do campo visual (2002, p.42).

O professor da sala de aula também tem o papel de mediar esse aluno para que ele desenvolva o máximo de suas habilidades selecionando os recursos mais adequados, e que o mesmo tenha um ótimo desempenho na sua aprendizagem. Nesse sentido o principal ator é o professor que busca não só repassar os conteúdos para o aluno e sim ensiná-lo durante a sua construção de conhecimento. Libâneo (1998, p.29) diz que: “o professor media a relação com o aluno”.

O aluno de baixa visão precisa de motivação assim como os outros alunos que possuem algum tipo de deficiência, e são justamente esses materiais apropriados que possibilitam o processo de aprendizagem e a motivação para o conhecimento desse aluno, por isso que é necessário o professor utilize recursos adequados. Alguns alunos necessitam de um lápis apropriado para enxergar os contornos, a impressão de texto ampliados e muitas vezes em um tipo de folha, muitas das vezes na folha de cor amarela, e a letra apropriada para este aluno enxergar é a de forma.

A sala de recursos é um local adequado para o atendimento desse aluno e não pode substituir a escola, porém complementa o processo da aprendizagem de muitas crianças que precisam do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e o professor da sala de recursos é realmente especializado para atuar neste local.

Alves (2006, p.14) enfatiza:

A denominação sala de recursos multifuncionais se refere ao entendimento de que esse espaço pode ser utilizado para o atendimento das diversas necessidades educacionais especiais e para desenvolvimento das diferentes complementações ou suplementações curriculares. Uma mesma sala de recursos, organizada com diferentes equipamentos e materiais, pode atender, conforme cronograma e horários, alunos com deficiência, altas habilidades/superdotação, dislexia, hiperatividade, déficit de atenção ou outras necessidades educacionais especiais. Para atender alunos cegos, por exemplo, deve dispor de professores com formação e recursos necessários para o seu atendimento educacional especializado. Para atender alunos surdos, deve se estruturar com profissionais e matérias bilíngües. Portanto, essa sala

de recursos é multifuncional em virtude de a sua constituição ser flexível para promover os diversos tipos de acessibilidade ao currículo, de acordo com as necessidades de cada contexto educacional.

O autor acima fala que a sala de recursos é o espaço que proporciona ao aluno com necessidade especial uma aprendizagem diferenciada através de diversos materiais pedagógicos tornando o aprendizado mais divertido. Assim, o professor especializado e o da sala de aula devem elaborar atividades que possibilitem atender o aluno com baixa visão. Nassif, 2007, nos mostra no quadro abaixo:

Funções do professor de sala regular	Funções do professor especializado
Elaborar um plano de ensino que contemple as diferenças de seu grupo.	Participar do planejamento geral do processo de ensino e aprendizagem.
Preparar a classe para receber alunos com necessidades educacionais e respeitá-los como pessoas que tem suas limitações, mas também seus pontos fortes.	Assessorar/orientar os professores da classe regular.
Incentivar os alunos a ajudar mutuamente de acordo com as necessidades de cada um, para a obtenção de conhecimento.	Introduzir os recursos materiais e as técnicas pedagógicas específicas ao aluno e ao professor.
Adaptar o ambiente físico da classe.	Adaptar os materiais pedagógicos.
Adaptar sua prática de educador de classe regular com recursos na Educação Especial.	Buscar uma relação articulada entre a direção da escola, coordenação, professores e demais funcionários.
	Atender o aluno dentro do princípio da individualização sem perder de vista o grupo e o trabalho coletivo.

Considerando o quadro, sabem-se que o professor da rede regular como principal sujeito do processo precisa trabalhar em união com o professor de AEE, os dois juntos favoreceram um aprendizado melhor, pois em alguns casos o aluno especial poderá sentir dificuldades em entender determinado assunto e com a união dos dois professores irá ajudar juntamente com material especificado na compreensão desse aluno. Ainda há casos que o professor da rede regular não colabora e o aluno com baixa visão ou necessidade especial não tem um devido acompanhamento.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

2.1 Tipo de Pesquisa

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica com intuito de apresentar no campo da educação especial, o processo de aprendizagem da criança com baixa visão. Gil (2002) diz que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros, artigos científicos, teses e dissertações e de periódicos científicos”.

Os artigos utilizados para embasamento deste trabalho foram todos em língua portuguesa. Todos os trabalhos acadêmicos que são estudos de casos precisam de metodologia, como por exemplo, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), por isso é fundamental para o investigador ter orientação.

2.2 Pesquisa Qualitativa

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa que segundo Lima (2004 p.38) diz que: “a pesquisa qualitativa tem finalidade de explicar a realidade, como agir e identificar os problemas sobre ela, aperfeiçoando essa realidade através de soluções”.

O objetivo é analisar as informações a respeito da temática a ser estudada, com isso, busca-se a compreender e explicar sobre a inclusão e os processos de aprendizagem da criança com baixa visão e como as professoras em sala de aula trabalham para que a aprendizagem do aluno de baixa visão seja eficaz.

A pesquisa qualitativa se preocupa com a realidade e não com a quantidade e aprofunda a compreensão levando em consideração as particularidades e permite que o pesquisador tenha um envolvimento com os participantes.

2.3 Contexto Da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal na cidade de Parintins/AM, a situação socioeconômica dos alunos varia, porém em seu maior número os alunos são oriundos de famílias com baixa renda pertencentes aos bairros periféricos da cidade. Atualmente a escola atende 530 alunos entre crianças e adolescentes.

2.4 Participantes

Para esta pesquisa serviram como sujeitos 03 participantes, a professora, a monitora e o aluno com baixa visão.

2.5 Procedimentos Para A Construção De Dados

O método de abordagem utilizado para descrição com reflexão foi o fenomenológico. “Fenomenologia pode ser entendida como o modo pelo qual aquele que percebe o mundo, compreende o visto”. (MODINI, PAULO e MOCROSKY, 2008 pag.2)

A fenomenologia é o estudo das essências e, todos os problemas sob esta perspectiva resumem-se em definir essências. Gradativamente, a fenomenologia vem ganhando reconhecimento como uma abordagem à pesquisa qualitativa, aplicável ao estudo de fenômenos importantes de diferentes campos [...] (SIANI, CORREA E LAS CASAS, 2016 pag. 193).

Durante a coleta de dados em campo utilizou-se também o método de observação para saber do aluno com baixa visão e como a professora e a monitora trabalhavam com o aluno em sala, assim analisando as habilidades e recursos pedagógicos que utilizavam para trabalhar com o aluno. Como afirma Fachin:

A observação deve ser sempre uma atividade capaz de conduzir a um aprendizado ativo com uma postura dirigida para um determinado fato. Os elementos que circundam um fato observado são numerosos, portanto, o estudioso se vê rodeado de uma grande variedade de estímulos e percepções, muitas das vezes tentadores e sem sentido; para anotações, ele precisa saber quais são significados para seu estudo (2006 p.38).

A maioria dos trabalhos para desenvolvimento utiliza-se o método de observação para sabermos exatamente o que iremos observar e o que precisamos para a coleta de dados da pesquisa que será desenvolvida. Utilizou-se ainda entrevista semi-estruturada que segundo Silva e Tunes (1999, p.251) “utiliza-se geralmente de um roteiro que delinea a entrevista”.

Outro método utilizado como procedimento para a pesquisa foi o estudo de casos que segundo Yin:

A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados (2001, p. 32-33).

Considerando assim todos os elementos importantes para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

2.6 Técnicas De Coleta De Dados

Utilizou-se um questionário com perguntas abertas e fechadas para a professora e monitora da sala de aula da rede municipal, para adquirir informações sobre o seu perfil profissional e sobre trabalho com o aluno de baixa visão. O questionário é um método muito classificado para pesquisas de TCC, Lakatos e Marconi (2003, p.201) afirmam que: “questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

As perguntas realizadas no questionário que são abertas permitem uma resposta livre e as fechadas já permitem umas respostas definidas. Por isso que a utilização do questionário para diversos trabalhos é viável, pois muitas vezes a pessoa que quer realizar a pesquisa não consegue ir a campo ou os professores não tem um tempo disponível, e através do questionário consegue economia de tempo, obtenção de respostas mais rápidas e precisas, sendo que o mesmo é realizado para fins acadêmico e anônimo.

Já com o aluno de baixa visão foi realizada a entrevista semi-estruturada que de acordo com Gil:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificadamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (2008, p.109).

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas não só para coleta de dados, mas também, voltada para diagnósticos e orientação, com isso é utilizada em âmbitos de psicólogo, sociólogos, pedagogos, entre outros. Assim quando ela é utilizada no âmbito pedagógico, torna-se um método bastante adequado para obtenção de informações para quem já sabe o que pretende fazer.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Caracterizações Dos Participantes Da Escola

Os alunos são cadastrados no contra turno escolar, tendo como atividade: reforço escolar (de acordo com as necessidades e dificuldades das crianças), oficinas de: escultura em barro, pintura em tecido, pintura em tela, crochê, corte e costura, desenho e informática. Os recursos para sua manutenção são obtidos através da Diocese em parcerias por meio de Projetos no exterior (ABC Solidarietá) e Prefeitura Municipal de Parintins.

A escola não trabalha de forma isolada, participa de todas as ações da comunidade e colabora com a realização de projetos como: Campanhas do Combate contra a exploração sexual da criança e adolescente, Erradicação do Trabalho Infantil, Rede Educativa, Jogos de Integração e outras. O Centro também serve de polo para realizações de Campanhas na área da saúde e Campanhas sócias educativas, cursos profissionalizantes promovidos em parceria com SENAC e CETAM. Assim, desenvolve suas ações durante o ano inteiro dividindo suas atividades que acompanham o ano escolar e as atividades de férias onde ocorre uma colônia de férias durante uma semana para todos os alunos.

Para compreender como é realizado o trabalho com o aluno de baixa visão no ensino regular e no atendimento especializado, foi elaborado para a professora e monitora um questionário com perguntas abertas e fechadas, sendo assim, apresento aqui os resultados obtidos durante a ida em campo.

No primeiro quadro abaixo apresenta-se informações sobre a professora e monitora que acompanha o aluno com baixa visão no segundo ano do ensino fundamental.

Quadro 1 – Caracterização Da Professora E Monitora

Professora	Sexo	Formação	Tempo de Trabalho
Professora	Feminino	Graduação em Pedagogia e Pós Graduação em Psicopedagogia Institucional	15 anos de magistério
Monitora	Feminino	2º Período de Pedagogia e Cursos de Formação Específicos Na Área	8 anos de auxiliar de AEE

Como podemos ver a descrição no quadro acima, a professora tem graduação e pós com um bom tempo de magistério, e a monitora ainda está iniciando sua graduação, porém, tem vários cursos na área que está atuando e um bom tempo de magistério. É importante a formação dos professores para o ensino em sala de aula, porque se as professoras não tivessem cursos e nem formação, o aluno com baixa visão não teria um sucesso no seu ensino. Neste segundo quadro apresenta-se o perfil o aluno de baixa visão.

Quadro 2 – Caracterização Do Aluno

Identificação do Aluno	Aluno 1
Idade	8 anos
Sexo	Masculino
Tipo de deficiência	Baixa visão
Série	2º ano
Dias de Atendimento de AEE	Terça e Quinta-feira

Esta é a caracterização do aluno que participou da entrevista, o mesmo tem 8 anos foi diagnosticado com baixa visão porém não tem laudo, tem facilidade para compreender as aulas e é esforçado para aprender.

O aluno tem o auxílio da monitora no seu processo de aprendizagem, o mesmo tem a queixa de dor de cabeça ao escrever muito, sendo assim, a professora junto com a monitora buscam a mudar a tática de ensino quando o mesmo apresenta a queixa. Sabemos que a baixa visão é um grau de enfraquecimento visual que causa incapacidade funcional e diminua o desempenho visual do indivíduo. Ele participa do atendimento educacional especializado duas vezes por semana, sendo isso na terça e quinta feira.

“O atendimento educacional especializado - AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”. (MEC, 2008, p.1). É por isso que o aluno que é identificado com algum tipo de deficiência deve ter um laudo para detalhamento e para saber como aquele aluno será acompanhado e como será viável ajudar no processo de aprendizagem do mesmo.

Sendo assim através da aplicação do questionário a professora e monitora com perguntas para melhor entendimento sobre como as professoras no ensino regular ajudam o

aluno com baixa visão, se as mesmas tiveram dificuldades e o como trabalham com o mesmo em sala de aula.

Passaremos agora a análise das respostas obtidas no questionário aplicado. No quadro abaixo, a pergunta e as respostas da professora e monitora.

Quadro 3 – Apresentação Da Relação Ao Trabalhar Com Aluno De Baixa Visão

Pergunta 1	
Você teve dificuldades em relação de trabalhar com este aluno, por exemplo: dificuldade de comunicação, em planejar, em ensinar, a falta de recursos e materiais, dificuldade na utilização de recursos, entre outros?	
Professora	Sim devido ao grande intervalo de tempo na recepção de um aluno para o outro. Foram anos, muitas atividades têm que ser modificadas e adaptadas ao aluno. Fiz um curso sobre Baixa Visão, para ajudar na adaptação das atividades.
Monitora	Não

A professora teve a oportunidade de trabalhar com poucos alunos que apresentaram baixa visão, ao contrário da monitora que já faz o acompanhamento dos alunos especiais. Mesmo com muito tempo de trabalho a professora busca adaptar-se conforme os alunos em sala de aula e busca a fazer cursos para justamente ajudar o aluno a progredir em seu processo de aprendizagem dentro de sala de aula.

A monitora sempre está em constantes cursos devido sua área de Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo assim, não apresenta dificuldades a partir do momento que acompanha um aluno especial.

Na apresentação da fala da professora, é importante perceber que ela busca a se especializar através de curso para realizar atividades adequadas com o aluno especial, assim ela aperfeiçoa seus ensinamentos e torna a aprendizagem do seu aluno mais dinâmico e eficaz. Libâneo diz:

Os professores precisam dominar, com segurança, esses meios auxiliares de ensino, conhecendo e aprendendo a utilizá-los. O momento didático mais adequado de utilizá-los vai depender do trabalho docente prático, no qual se adquirirá o efeito traquejado na manipulação do material didático (1997, p.173).

É importante o professor que está dentro da sala de aula dominar os conteúdos e ter segurança de tudo que está ensinando ao aluno para não prejudicar a aprendizagem de cada, com isso sabe-se que é necessário o professor está em constante aprendizado e está sempre buscando a estudar para que sempre esteja preparado para novos desafios em sala de aula.

Quadro 4 – Dificuldade Na Aprendizagem

Pergunta 2	
O aluno com baixa visão enfrentou ou enfrenta dificuldades no seu processo de aprendizagem?	
Professora	Sim, ele é muito esforçado, mas a própria deficiência causa dificuldade. O aluno já está quase totalmente alfabetizado, lê mais que muitos que não tem deficiência.
Monitora	Não

Na observação da professora em sala de aula, ela detectou que o aluno tinha dificuldade e com isso buscou a incentivar o aluno de diversas maneiras, informando assim, que o aluno era esforçado e ajudou a buscar a compreender o que ela estaria ensinando em sala de aula, e com a participação de alguns familiares o aluno tem tido um progresso bom, já sabe ler e está na frente de muitos colegas que ainda estão progredindo. E na visão da monitora a mesma já acha que o aluno não teve dificuldades e que ele é esforçado e tem um entendimento muito rápido diante dos assuntos e atividades que ele recebe em sala de aula.

É importante que a escola também tenha preparação para trabalhar com o aluno com baixa visão, assim favorece de maneira muito significativa o processo de aprendizagem do aluno. Durante as observações em sala de aula o aluno com baixa visão sempre ficava atento nas explicações da professora e com auxílio da monitora realiza as atividades, sempre busca se empenhar para conseguir realizar as atividades conforme a professora solicitava, assim, o aluno mesmo com algumas dificuldades teve um avanço em seu processo de aprendizagem. O mesmo sempre relata que sente um pouco de dor de cabeça ao escrever, apesar da professora e monitora utilizar recursos apropriados para o mesmo e elas buscam a utilizar outros métodos para que o aluno não se esforce muito e não sinta a dor de cabeça.

Os recursos pedagógicos para o professor (a) são importantes para que o aluno tenha um bom desempenho em sala de aula e para que o mesmo realize as atividades em sala, para isso, é necessário que a professora que tenha um preparo adequado para com este aluno, desta

forma tornando-o uma pessoa rica em conhecimento e favorecendo um ensino muito mais enriquecedor ao aluno. Peterson nos diz que:

[...] o professor necessita de suportes indispensáveis para a inclusão, além do mais, ambos os professores da educação geral e especial precisam adquirir conhecimento sobre pesquisa e práticas eficazes necessárias para ensinar todos os alunos com deficiência (2006, p.7).

Trabalhar com o aluno especial não é tarefa fácil para nenhum professor, e trabalhar com aluno que tem baixa visão é necessário recursos e estímulos para auxiliar no processo de aprendizagem deste aluno.

3.2 Os Recursos Que São Utilizados Para O Desenvolvimento Do Aluno Com Baixa Visão

Os recursos pedagógicos são importantes para facilitar o processo de aprendizagem do aluno com baixa visão para isso é necessário ter conhecimento das particularidades do aluno para que sejam utilizados recursos fundamentais no seu cotidiano dentro de sala de aula. Sendo assim, foi feita a seguinte pergunta para a professora e monitora de sala de aula.

Quadro 5 – Recursos Pedagógicos Para O Desenvolvimento Do Aluno Com Baixa Visão

Pergunta 3	
Que recursos são utilizados para desenvolver habilidades no processo de aprendizagem desse aluno?	
Professora	Caderno pautado adaptado, lápis 6B, atividades em letra verdana negrito, quadro individual adaptado.
Monitora	O aluno acompanha a turma compreende tudo muito bem sua escrita se da pela letra de imprensa maiúscula. Atualmente estamos utilizando massinha, papel crepom e até bola para fazer atividades e exercícios com as mãos, pois o aluno se queixa de dores nas mãos ao tentar escrever a letra cursiva e seu caderno também foi adaptado para a posição vertical e com linhas escurecidas.

Tanto a professora quanto a monitora buscam a melhorar o desempenho do aluno e

utilizar materiais necessários para que o aluno tenha um bom aprendizado em sala de aula, é interessante que as duas se ajudam, analisam a situação do aluno e buscam a se adaptar para ajudar ele juntamente com os colegas em sala de aula.

Apresentar os recursos que serão utilizados é formidável, pois tem a finalidade de melhorar as atividades, os materiais que a monitora busca a utilizar para ajudar o aluno na escrita é um dos processos que podem auxiliar o aluno a ter um ensino melhor e menos exaustivo. É interessante que apesar da escola não possuir a sala de recursos, mas as duas ajudam no processo de adaptar as atividades para o aluno entre outras coisas que são necessárias. Mesmo que a escola não tenha a sala, ela busca não dificultar o ensino e ajudar o aluno juntamente com a professora e monitora da sala de aula. As pessoas com baixa visão necessitam da ampliação de imagens e textos, e de recursos tanto para enxergar de perto quanto de longe.

O objetivo educacional no atendimento a criança com baixa visão é promover o seu pleno desenvolvimento mediante ao uso de todos os recursos que possibilitem sua inserção no mundo social, permitindo-os seres eficientes e íntegros (SALOMON, 2000). Com isso o aluno de baixa visão precisa ser incentivado para que o mesmo supere as suas dificuldades e através dos recursos tenha um bom desempenho dentro de sala de aula e no seu futuro escolar.

3.3 O Atendimento Na Sala De Recursos Com O Aluno De Baixa Visão

Na escola que o aluno com baixa visão frequenta, não tem o Atendimento Educacional Especializado, sendo assim, o aluno tem que se deslocar para outra escola que atende alunos de outras escolas.

Ao ir à escola para acompanhamento com o aluno na sala de AEE, foi observado e em conversa um pouco com a professora que faz o acompanhamento do aluno com baixa visão, a mesma relatou que o aluno é esforçado, e que na sala de recursos não tem algo muito voltado para o aluno, mas contam com recursos como a lupa para ajudar na leitura, atividades ampliadas e alguns jogos educacionais que ajudam o mesmo na compreensão das atividades desenvolvidas.

A escola oferece atendimento para diversos tipos de alunos especiais, como o autismo, por exemplo, assim a professora faz o atendimento voltado somente para aquele aluno em horários específicos, no caso do aluno com baixa visão ele frequenta no atendimento especializado a partir das 14:00 até as 15:00, nos dias de terça e quinta feira, dependendo do caso a professora busca adaptar as atividades e verificar o que é mais viável para o ensino do

aluno. Sendo assim, a professora do AEE busca a ensinar o aluno agregando o mesmo com os conteúdos que ele aprende na escola de ensino regular, e os resultados são positivos tanto na escola quanto no atendimento que o aluno frequenta.

É importante a utilização de recursos pedagógicos com o aluno especial, pois é um processo de ensino que permite o aluno construir seu conhecimento mesmo ele com suas limitações, o mesmo enfrenta as dificuldades, se esforça para aprender diante dos desafios da vida, assim os recursos e o atendimento auxiliam no ensino dele atingindo as perspectivas dos professores em sala de aula e no AEE.

As observações foram de suma importância para desenvolvimento deste trabalho para saber como é realizado o processo de aprendizagem do aluno com baixa visão, o mesmo é tímido, ele desenvolve suas atividades perfeitamente, se esforça para aprender e compreender tudo o que é realizado de atividade.

Portanto, o atendimento especializado assim como o ensino na escola é de suma importância para o desenvolvimento do aluno com baixa visão, sabe-se que assim, ele terá um futuro com um bom desempenho em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender como são realizadas as atividades de ensino com o aluno especial (baixa visão) e como as professoras desenvolvem seu trabalho para ajudar este aluno a obter a aprendizagem em sala de aula. Por lei sabemos que os alunos especiais têm direito de estar em sala de aula, ou seja, na escola pública onde todas as outras crianças são inseridas.

Deste modo, apesar de pouco investimento para um espaço adequado e matérias pedagógicas necessários para o atendimento ao aluno especial, as professoras buscam juntamente com a escola desenvolver um ótimo trabalho, e os resultados são bons, pois é muito bom saber que o aluno com baixa visão desenvolve as atividades muito bem e já sabe ler.

A educação é a base fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade melhor e a escola é de suma importância para o desenvolvimento da capacidade dos alunos principalmente quando ela acolhe a todos, ou seja, os alunos com deficiência ajudando a desenvolver um olhar melhor das outras crianças diante dos alunos especiais, para que não haja racismo e nem discriminação.

A pesquisa realizada foi para compreender a importância da aprendizagem do aluno com baixa visão, as leis educacionais e principalmente como são desenvolvidos os trabalhos em sala de aula para que o aluno obtenha sucesso no seu aprendizado, é primordial que os professores tenham um curso de capacitação para trabalhar com o aluno especial e estejam preparados para atuarem com eles.

No decorrer do estudo a visão da responsabilidade que se tem diante do ensino deste aluno foi de suma importância para desenvolvimento deste trabalho, pois todos devem estar envolvidos para a inclusão do aluno na escola, todos precisam se envolver e ter comprometimento. É necessário também investimentos, não somente da escola como dos responsáveis.

Infelizmente ainda não é uma tarefa fácil para o processo de inclusão do aluno nas escolas públicas, principalmente quando elas não têm um suporte e um local adequado para inserir essas crianças. Com isso, o processo de inclusão é um modo de assegurar as crianças com deficiências e isso só irá para frente quando realmente os direitos tiverem em prática, pois o processo de inclusão requer que todos os alunos deixem de lado o preconceito, tornando assim, o processo de inclusão uma realidade para todos em todas as escolas.

Nós como educadores precisamos aumentar alternativas para que a aprendizagem seja

desenvolvida da melhor forma e precisamos ter esse olhar que é importante à inclusão dos alunos em sala de aula e diferente do que as pessoas pensam ou deve pensar, a inclusão é além de rampas e banheiros adaptados em locais públicos, é a pessoa ser bem tratada e acolhida no meio social. Devemos ter mais debates sobre a inclusão, tendo em vista o que consta na lei e as dificuldades encontradas não somente dos professores e do aluno, mas dos pais que buscam escolas que possibilitem o convívio do aluno com deficiência, as práticas pedagógicas, professores com mais formações na área, para que as atividades tenham estratégias e sejam dinâmicas permitindo a aprendizagem do aluno cada vez melhor.

Assim, os objetivos deste trabalho foram alcançados e refletir o quão necessário o professor deve está sempre se atualizando e buscando novas táticas pedagógicas para a aprendizagem dos alunos em sala de aula, principalmente dos alunos especiais. Seria importante também um documento sobre as limitações do aluno devido às vezes o professor não saber como lidar com isso, por isso que o laudo médico é importante para que ajude neste processo.

Ao longo do trabalho busquei refletir sobre a inclusão do aluno na escola, as práticas pedagógicas que podem ser utilizadas e a necessidade de uma preparação adequada para se trabalhar com a inclusão dos alunos especiais.

O presente trabalho buscou a inserir tudo que foi colocado no tema e salientar que adquiri muito conhecimento sobre a educação especial e a inclusão do aluno com baixa visão na escola, na condição de futura professora percebo que o olhar para o aluno com deficiência é extremamente importante e que todos devemos está envolvidos.

Esperamos contribuir para que a sociedade tenha um olhar diante do aluno de baixa visão e que este trabalho contribua para os professores que virão a se formar e buscarão sobre a educação especial e o processo de aprendizagem do aluno com baixa visão e sua inclusão na escola.

REFERÊNCIAS

ALVES, Denise de Oliveira. **Sala De Recursos Multifuncionais: Espaço Para Atendimento Educacional Especializado**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2006.

BRASIL, LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. **Dispõe Sobre A Lei Brasileira De Inclusão Da Pessoa Com Deficiência**.

BRAGA, Ana Paula. **“Recursos Ópticos Para Visão Subnormal – Seu Uso Pela Criança E Adolescente”**. Revista Con-tato. São Paulo, Laramara, agosto de 1997.

CORRÊA, Maria Ângela Monteiro. **Educação Especial**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2010.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: A Disciplina E A Prática Da Pesquisa Qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O Planejamento Da Pesquisa Qualitativa: Teorias E Abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41

FREIRE, I. M. Um olhar sobre a diferença: **Interações E Experiências Dos Adultos Com A Criança Não-Visual**. In: BIANCHETTI, L., FREIRE, I. M. **Um Olhar Sobre A Diferença. Interação, Trabalho E Cidadania**. 3. ed. Campinas: Papyrus, SP, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. São Paulo: Atlas. 4º edição. 2002.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos E Técnicas De Pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

<https://www.fcm.unicamp.br/fcm/auxilios-opticos/baixa-visao> Acesso em: 13 de Junho de 2022 às 09:45

<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/4201> Acesso em 01/08/2022 as 14:30

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=686>
Acesso em 01/08/2022 as 15:11

<https://sepq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/98629980087/11> Acesso em 01/09/2022 as 11:30

LADEIRA, Fernanda; QUEIROZ, Serafim. **Compreender A Baixa Visão**. Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica, nº 140, ed. 7, 1350-346, Lisboa, 24 de jun.2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos De Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?: Novas Exigências Educacionais E Profissionais**. São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, Manolita Correria. **Monografia: A Engenharia Da Produção Acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2004.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 22º ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial No Brasil: História E Políticas Públicas**. 5ª Ed., São Paulo, SP: Cortez, 2005.

MARTIN, M. B. e RAMÍREZ, F.R. **Visão Subnormal**. In: BUENO, S. T. e MARTIN, M. B. (Coordenadores) **Deficiência Visual: Aspectos Psicoevolutivos E Educativos**. São Paulo, Santos, 2003, p. 43.

Ministério Da Educação Secretaria De Educação Especial. **Diretrizes Operacionais Da Educação Especial Para O Atendimento Educacional Especializado Na Educação Básica**. Regulamentado Pelo Do Decreto Nº 6.571, De 18 De Setembro De 2008.
<http://portal.mec.gov.br> Acesso em 19/09/2022 às 14:40

PERTESON. P. J. Inclusão nos Estados Unidos: **A Implementação E Capacitação De Professores**. In: Revista Brasileira de Educação Especial[online].2006

Universidade Federal do Ceara, 2010.v 3. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar) Fachin, Odília. **Fundamentos de Metodologia – 5º Ed. [rev.] – São Paulo: Saraiva, 2006.**

REGO, T. C. **A Indisciplina E O Processo Educativo: Uma Análise Na Perspectiva Vygotskiana**. IN: AQUINO, J. (org.) **Indisciplina Na Escola: Alternativas Teóricas E Práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

SALOMON, Sonia Maria. **Deficiência Visual. Um Novo Sentido De Vida. Proposta Psicopedagógica Para Ampliação Da Visão Reduzida**. São Paulo: LTR, 2000.

SILVEIRA BUENO, J. G. **Educação Especial Brasileira: Integração/Segregação Do Aluno Diferente**. São Paulo: EDUC, 1993.

Siani, Sergio Ricardo; Alves Correa, Dalila; Luzzilas Casas, Alexandre **Fenomenologia, Método Fenomenológico E Pesquisa Empírica: Oinstigante Universo Da Construção De Conhecimento Esquadrinhada Na Experiência De Vida**. Revista de Administração da Unimep, vol. 14, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 193-219. Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, Brasil.

YIN, Robert K. **Estudo De Caso: Planejamento E Métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yinmetodologia_da_pesquisa_e_studo_de_caso_yin.pdf>. Acesso em: 24 de agosto de 2022.

ANEXOS**Anexo A – Questionário – Professora e Monitora****QUESTIONÁRIO**

Prezado (a) Colega,

Meu nome é **Alessandra Macedo Pereira**, sou acadêmica da **Universidade Do Estado Do Amazonas - UEA** do curso de **Licenciatura em Pedagogia**, venho por meio da minha pesquisa de conclusão do TCC sobre **O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM BAIXA VISÃO NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PARINTINS/AM** solicitar sua colaboração para minha pesquisa de conclusão do curso o TCC, respondendo abaixo algumas perguntas. Pretendo analisar o processo de aprendizagem do aluno de baixa visão na Rede Regular de ensino. Este questionário é anônimo, os dados obtidos serão apenas usados para fins acadêmicos sinta-se a vontade para se expressar.

Sua participação é importante! Agradeço a compreensão.

1) Área de formação/ atuação: _____

2) Série que atua: () 1º () 2º () 3º () 4º () 5º () 6º () 7º () 8º () 9º

3) Você já trabalhou ou trabalha com aluno de baixa visão: () sim () não

4) Primeira vez ou você já tinha trabalho mais vezes com aluno de baixa visão?

5) Você teve dificuldades em relação de trabalhar com este aluno, por exemplo: dificuldade de comunicação, em planejar, em ensinar, a falta de recursos e materiais, dificuldade na utilização de recursos, entre outros?

6) Você teve algum treinamento para trabalhar com este aluno? () sim () não Quais?

7) O aluno com baixa visão enfrentou ou enfrenta dificuldades no seu processo de aprendizagem?

8) Como é o trabalho desenvolvido com um aluno com baixa visão em sala de aula?

9) Que recursos são utilizados para desenvolver habilidades no processo de aprendizagem desse aluno?
